

CAMERLINO

Opuntia
campanulata

Opuntia *campanulata*

G A M E R I N O

campanulata

CALASANS (PEDRO)

CAMERINO



(EPISODIO DA GUERRA DO PARAGUAY.)

A handwritten signature in cursive script, appearing to read "Vampre".

BAHIA

Officina litho-typographica de J. G. Tourinho

—
1875

Ao Exm. Sr. Conde de Porto Alegre

O. D. G.

o auctor.

A SOCIEDADE BENEFICENTE FRATERNIDADE SERGIPANA
AOS LEITORES.

Quando, em 1871, o mavioso poeta Dr. Pedro de Calasans, tão prematuramente roubado ás letras patrias, espontanea e generosamente offerecera á esta beneficente sociedade o seu mimoso e inedito poemeto — CAMERINO —. fêl-o acompanhado de uma carta enriquecida não só de sentimentos nobres da sua alma como tambem de grandiosissima copia de pensamentos e conceitos moraes. E, sendo ella confiada ao distineto ex-orador da Sociedade, Dr. João das Chagas Rosa, para transmittir ao generoso poeta os devidos agradecimentos no seio de uma Commissão delegada, cujo interprete elle era, sucedeu não ser restituída a precciosa carta ao arquivo da Sociedade; devido talvez á repentina mudanca effectuada pelo referido ex-orador para o Rio de Janeiro.

Eis a razão porque vimos, — tributando publi-

ca e sincera homenagem de profundo e immorredouro reconhecimento á memoria do nosso sempre lembrado e talentoso comprovinciano,— pedir desculpa aos dignos leitores por essa tão sensivel quanto involuntaria falta, que priva-nos nesta occasião do immenso prazer que haveríamos de illnstrar algumas paginas com as delicadas letras do notavel poeta.

Finalmente, seja-nos permittido desde já manifestar a nossa gratidão aos dignissimos e numerosos cavalheiros qne snbscreveram para esta pnblicação, tornando-se cooperadores da Sociedade que immedicadamente representamos.

S. Salvador, 24 de Fevereiro de
1875, 4º anniversario do prema-
turo fallecimiento do poeta!

O Conselho Directorio.

J. Vampre'

C A M E R I N O

(EPISODIO DA GUERRA DO PARAGUAY.)

« Ou morre o homem na lida,
Feliz, coberto de gloria,
Ou surge o homem com vida,
Mostrando em cada ferida
O hymno de uma victoria. »
—TH. RIBEIRO—*D. Jayme*, cap. 2.

Bellicas tubas pregôam
Da guerra a declaração !
Do sul ao norte rebôam
Os pregões ! e os bravos vôam
Para vingar a nação !

Do longo, geral marasmo
Surgem de bravos milhões !
Tanto fervor causa pasmo ! . . .
E aos cantos do entusiasmo
Marcham lindos batalhões !

Quanto pôde o patriotismo
Na terra da Santa-Cruz !
De si se move o quietismo ;
Degela-se o scepticismo ;
Por toda parte : — Eia ! sus !

E as avalanches que rolam
Transformam-se em corpos mil !
Os Voluntarios se arrolam,
No altar da patria se immolam
Em holocausto ao Brasil !

Ide, por Deus bemfadados,
 Nossa bandeira beijae !
 Por Deus, por ella escudados,
 Ide bater-vos, soldados,
 Nos campos do Paraguay !

 Ide, soldados ! — nossa causa é santa
 Das gentes o direito é seu phanal !
 Morra o crime na lobrega garganta
 D'essa hyena feroz ! — Ao mundo espanta
 Seu instincto cruel, vil, canibal !

 Ide ! — lembrae-vos de que sois renovo
 Da geração liberrima de avós !
 Que um bendito torrão do Mundo-Novo
 Beba o sangue em golfadas d'esse povo
 Deus pôde consentir ? . . . consenti vós ? . . .

Nunca ! jamais ! — o sangue do Calvario
Da liberdade foi a redempção !
O despotismo envolto no snadario,
Por luzes e por luxo funerario
Teve o sol da caudal Resnreição !

Este seculo é de aspirações ao bello,
De largas, liberaes instituições !
Novo Jasão, reconqniston o vello
Da liberdade, sen constante anhelo,
Bella conquista, o escudo das nações !

Id, soldados ! — decepae o tronco
D'esse ferrenho anachronismo vil !
Ao tyranno dizei, da guerra ao ronco,
Que o despotismo rude, torpe, bronco,
Na America extinguir ha de o Brasil !

O immaculado labaro
Domina os esquadrões !
Sôa a corneta bellica !
Movem-se as ondas turgidas
Das bastas multidões !

Ha faces lindas, pallidas,
Que linda aureola têm !
Ha muita forma athletica
N'aquellas hostes nitidas
Que aos sons da guerra vêm !

Ha muitas flores hnmidas -
Das lagrimas do amor !
Ha muitas vozes tremulas,
Muitos adeuses pavidos,
Saudades . . . não temor !

Mas pôde a força electrica
 De um patriotismo são,
 Lenir as ancias trepidas,
 Limpar as grossas lagrimas,
 Suster o coração !

Rompe a harmonia rythmica
 Do hymno nacional !
 Crebros os vivas fervidos
 Sobem de envolta aos canticos
 De um puro amor filial !

Entre as filas das hostes guerreiras,
 Que circumdam da patria o pendão ;
 Entre as fardas luzidas, lampeiras,
 D'essas tropas que marcham fragueiras,
 Impellidas por mago condão ;

Entre a flor d'esses fidos Achates
 Que se ergueram nas azas da fé,
 Pela honra vingar dos penates,
 E se atiram buscando os combates,
 Esse lindo paizano quem é ? . . .

Seus cabellos ondados resguarda
 Um chapeo meio a lado, á-la-mar ;
 Tem casaco de linho e não farda ;
 Traz no hombro a seu grito a espingarda,
 Companheira de guerra, sem par !

Tem na fronte estampado um dos sellos,
 Que aos eleitos reserva o Senhor !
 Negros olhos, da cõr dos cabellos ;
 Olhos vivos que praz-nos de vel-os ;
 Tem no aberto surriso um penhor !

Tem na curva dos labios inscripta
A firmeza qne honrou a Jephthé !
Seu andar o valor sobrexcita ;
Qner-lhe bem—sem qnerer—qnem o fita ! . . .
Esse lindo paizano qnem é ? . . .

.....
.....
.....
.....
.....

Em clima temperado e doce e ameno,
Sob um ceo limpidissimo de anil,
Implantada no mais fertil terreno,
Que banha o São-Francisco aureo, sereno,
Ao norte, uma província ha no Brasil !

Do rival do Niágara vizinha,
 Do Paulaffonso ao pé, lhe ouve o fragor ;
 Si para o norte o passo se encaminha,
 Si para o sul, é sempre ella rainha
 De riquezas, lavouras e frescor !

Altas montanhas, fontes cristallinas ;
 Sol deslumbrante, um nitido luar ;
 Varzeas pingues, uberrimas campinas,
 Mattas virgens, jardins, prados, collinas ;
 Eterna a primavera, e immenso o mar !

Horisontes diaphanos, sem raias ;
 Ricas madeiras, mineraes sem fim ;
 Sítios ridentes, pittorescas praias,
 Palmeiras, fructos, aves, flores gaias :
 —Meu Sergipe-d'-Elrei, patrio jardim !

Lá onde as cornucopias da abundancia
Se derramam perennemente, ao sul ;
Onde tudo respira alma fragancia,
Assehta-se donosa a bella *Estancia*,
Meu ninho, meu amor, meu sonho azul !

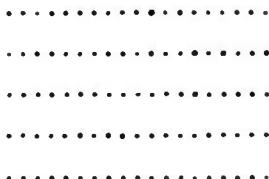
Do Piapitinga bello
A Estancia á beira está !
Lirio inculto, singelo,
Que ainda sem desvelo
Brilhando crescerá !

N'um dia purpurino,
N'aquella terra—ali,
Nasceu bello um menino,
Chamou-se CAMERINO ;
Bem pequeno inda o vi !

Cresceu, cresceu-lhe a graça
E o porte senhoril ;
Homem, bebeu na taça
Amarga da desgraça,
De um modo varonil !

Não o torcem da sorte
Os duros repellões ;
Antes mais firme e forte,
Assiste calmo ao corte
De suas illusões !

Tinha um caracter plano
Que sempre lhe estimei !
Um typo de spartano
N'um fundo de romano ;
Era um peito de lei ! . . .



**A guerra alarma os povos, ás armas os convida !
Os echos dizem—guerra !—na terra e ceo, no ar !
E na alma do mancebo de amor estremecida,
Embora outros amores, embora outra ferida,
De um lance vê-se a chamma brotar, luzir, manar !**

**CAMERINO se erguera, como outr'ora um athleta
Na Roma tribunicia, nas grandes convulsões !
Doura-lhe um bello disco a fronte irrequieta ;
E no verbo inspirado do portuguez poeta
Este motte de guerra repete ás multidões :**

Ou morre o homem na lida,
 Feliz, coberto de gloria,
 Ou surge o homem com vida,
 Mostrando em cada ferida
 O hymno de uma victoria !

Depois, busca a espingarda desde o nascer da aurora,
 A brune como ouro, como um puro cristal !
 Revê todas na mente, cada illusão de outr'ora ;
 Aos pés da Virgem-Santa que fervoroso adora,
 Dobra os joelhos, ora ! — momento sem igual !

Apresta-se a partida dos guapos contingentes
 Que envia meu Sergipe á guerra dos Titans !
 Vae Freitas, o brioso, valente entre os valentes ;
 Vae Leopoldo Amaral ; vão moços diligentes ;
 E meu irmão — entre elles — Joaquim de Calasans ! . . .

Freitas, o redivivo,
Que já resuscitou,
Em um trause afflictivo,
De que acaso—vive—
O tumulo o regeitou ! (1)

Achilles vulneravel
Foi só no calcanhar !
Freitas impenetravel,
Da metralha execravel,
Ha de certo zombar !

Seu gladio e a bainha
De manchas sem signal,
Como lembrança os tiuba,
Herança que lhe viuha
Do zelo paternal !

De Larangeiras bella
 Elle era o lustre, a flor !
 Illustre cidadella
 Da virtude singela,
 Gemea irman do valor !

O pareo de Atalanta
 Ninguem lhe disputou !
 Primeiro se levanta,
 E corre, exhorta, canta . .
 E a patria despertou !

Vae Leopoldo — o mancebo sublime
 Que o rebate mavorcio seduz !
 Não se pôde conter, não reprime
 Esse ardor juvenil que se imprime
 No semblante onde espalha-se a luz !

Viva luz, resplendor que deslumbra,
E illumina os eleitos que são ;
Luz da gloria immortal que vislumbra,
Um perfume do ceo que ressumbra
Como o calix da flor na estação !

Vae Leopoldo, o mancebo galhardo,
Em demanda das lidas crueis !
E da guerra ha de em fior cada cardo
Converter-lhe o valor ! e ha de o bardo
D'essas flores tecer-lhe os laureis !

D'esse fragil mancebo o transporte
Poderoso incentivo ali é !
Quantos moços, zombando da morte,
Saturnino, o leal, Gordo, o forte,
Quantos outros não surgem de pé !

Meu irmão, para o qual se entreabria
 Um futuro pejado de dons ;
 Um talento que ás glórias surria,
 E entre as flores da vida corria . . .
 O clarim ouve, e acode-lhe aos sons ! . . .

CAMERINO ergue-se usano,
 Ardent, cheio de fé !
 « Tambem, diz, sou sergipano !
 Voluntario paizano
 Entre vós hei de ir ! bofê ! »

Em seu rosto vê-se o lampo
 De uma alma de não torcer ;
 Parece um roble no campo
 Roble que affronta o relambo,
 Para o ceo sempre a crescer !

Como o volatil canario,
 No alvorecer da manhan,
 Canta alegre seu fadario ;
 Mas tem da alma no sacrario
 A imagem de sua irman !

Um dia — infeliz semana ! —
 Assim disse o breve adeus :
 « Tenho febre ! e febre iusana !
 A' guerra ! ... adeus, Marianua !
 Minha irman ! te entrego a Deus ! »

Infeliz semaua ! abriste
 Quanta dor n'um coração !
 Já tinhas roubado á triste
 Sua roseira, e a impelliste
 Mais n'esta cousterbação ! ...

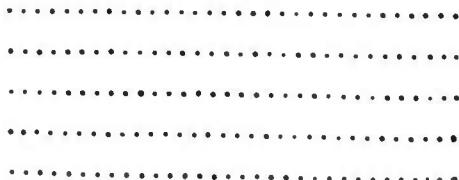
E partio-se ! e partiram-se os bravos
Entre as flores e os prantos de amor !
E os adeuses saudosos e cavos
Surdos vinham do peito, onde os cravos
Affixava o martello da dor !

Este beija da mãe fria a fronte ;
Aquellontra se abraça com o pae ;
Um a espôsa consola ; outro a fonte
Vê dos prantos da irman que é defronte ;
Cadaqual vae partido, ou não vae !

Que soluços ! que maguas ! que prantos !
Quem saudades mais fundas, quem vio ?
N'essa hora os gemidos são tantos !
D'essa hora os minutos são santos !
Quem ali não chorou, não sentio ? . . .

CAMERINO, o paizano volante,
N'essa tela — fiel resaltou !
Sol em pino lhe doura o semblante !
Como adens, em voz alta e vibrante,
Inda o motte de guerra soltou :

Ou morre o homem na lida,
Feliz, coberto de gloria,
Ou surge o homem com vida,
Mostrando em cada ferida
O hymuo de uma victoria ! . . .



Marianna agora,
Flor na solidão,
Ao Senhor implora ;
Desditosa chora
Por seu caro irmão !

Um presentimento
Mau, cruel, tenaz,
Em seu pensamento
Lhe passa agourento,
Lhe turbando a paz !

Teve um sonho um dia . . .
Mas, que sonho ! horror ! . . .
Suor de agonia
Desde a noite fria
Desbotou-lhe a cõr !

Quando a brisa passa,
Quando a lua vem ;
Quando, em noite crassa,
Frio o sul perpassa,
Não se vê ninguem ;

Quando o mar balouça
Rolando escarceos ;
Por que um anjo a ouça,
Canta a triste moça
Numa voz dos ceos :

Meu Deus ! que sina ! que desdita a minha !
Repleto o calix transbordou de fel !
Um só desvelo n'este mundo eu tinha,
E o som da guerra m'o roubou ! — mesquinha !
Saudade amarga ! solidão cruel !

Minha alma é o lago que, na face liso,
 No fundo occulto lia e lodo — só !
 Não mais meus labios hão de ter um riso !
 Tenho na estrada que sósinha piso
 Cardos, espinhos, serpes, urzes, pó !

« Minha alma — a rôla á viuvez exposta ;
 Minha alma — um echo que sem voz ficou ;
 Minha alma — a folha que o mormaço tosta ;
 Minha alma — a nave que foi dar á costa ;
 Minha alma — o cedro que o tufão lascou !

« Eu era a fonte, elle o murmurio era,
 Elle era o canto, mas eu era os sons ;
 Elle era o sol, eu era a primavera ;
 Eu a bonina, a que o favonio dera
 Elle o favonio — seus mais bellos dons ! . . .

« Meu Deus, valei-me da afflição no horte !
Guiae seus passos ! rentregae-m'o são !
Vêde minha alma sem nenhum conforto !
De mim que fôra, si elle acaso me
Cahisse! oh Deus!... por piedade!... oh!... não!... »

.....
.....
.....
.....
.....

CAMERINO ás batalhas
Vôa como um leão ;
Atira-se ás metralhas,
Por entre as mortualhas,
Ao roncar do canhão !

Haviam vel-o ufano,
 Valente a se bater !
 O lindo paizano
 Parece um veterano
 Criado a combater !

Não dobram-no fadigas,
 Avança com valor ;
 Nas mais accesas brigas,
 Ceifando hostes imigas
 Vereis o lidador !

Soldado só nas lidas,
 Braço a braço a lutar,
 Tivesse elle cem vidas,
 As lanças desabridas
 Havia de affrontar !

**Cahia um companheiro
Exhausto sobre o chão,
Com seu golpe certeiro
Buscava — elle o primeiro —
Vindicar seu irmão !**

**Vio morrer sem corôas sen commandante Freitas,
Ao halito pestifero do abutre horrendo e crú ! ...
O' morte que em prival-o dos lonros te deleitas,
Não tens de sangue ainda as fances satisfeitas ?!...
— Mais ontro companheiro vio morto em Curuzú !**

**Cahe morto sobre a poeira do campo da batalha
Seu amigo da escola, desde a idade infantil,
O — Calasans — que teve por panno de mortalha
A brásila bandeira fincada na muralha
Da fortaleza imigá por seu braço viril !**

Paraphraseia o motte gravado na memoria,
 E brada entre soluços o paizano ahi :
 « Morreste homem na lida, feliz, cheio de gloria ! ...
 Morrer tambem desejo aos hymnos da victoria,
 Morrer feliz, na lida, qual eu morrer te yi ! ... »

Depois, finda a batalha, ao funeral assiste
 Do amigo que em seu posto como um bravo morreu !
 As faces se lhe cobrem de pallidez tão triste ! ...
 Quem pôde, alma de eleito, dizer quanto sentiste
 Levando á sepultura o mais que amigo teu ?...

Como a arvore indiana que está de noite aberta,
 E de dia cerrada, ninguem sabe porque,
 De CAMERINO a face de dia está coberta
 De taciturna sombra ; mas em noite deserta
 A alma sua se expande, canta e murmura ... o que ? ...

Esse segredo escondido
 Ninguem mais soube, ninguem !
 A's vezes algum gemido
 Foi-lhe acaso surprehendido !
 Mas o gemido ... por quem ?

Era decerto a lembrança
 De sua pallida irman ;
 Era essa tibia tardança,
 Ou talvez dubia a esperança
 De ver a patria louçan !

Quem sabe — a dura saudade
 De amigos que já perdeu !
 A indizivel anciedade ,
 O phrenesi d'essa idade,
 Os brios que Deus lhe deu !

Era de vida a plethora
 A referver, a bulhar ;
 Era essa ancia que devora,
 Era o presente de agora ;
 No passado a mergulhar !

Era da patria o futuro,
 Que a linear se distrahe
 E em sonhos já vê seguro !
 Era um rabido esconjuro
 Ao Nero do Paraguay !

Mal haja o abutre que estrafea um povo
 Nas garras duras do egoísmo vâo !
 Do despotismo esse fatal renovo,
 Que ao ferro antigo dando gume novo,
 A arvore santa derribon no chão !

Mal haja o impio que não tem no peito
Um sentimento natural, um só !
Que não se curva, nem tributa preito
Dos povos livres ao commum direito,
E mata um povo com prazer, sem dó !

« Mal haja o tigre que sanhudo esmaga
Um povo inteiro que estrebuxa e cahe !
Attila infrene que de sangue alaga
Esta formosa, desgraçada plaga,
Nação guerreira que ao patibulo vae !

Do Prata as aguas pelo sangue tintas
Vão murmurando — maldição ! horror ! —
Monstro nefando, que cruel requintas
A ira, a furia, sem pudor não mintas
Amor chamando teu brutal furor !

« Patria ? — não vejo ! Liberdade ? — engano !
 Ouço a agonia d'este povo nú !
 Vejo o barrete de um feroz tyranno.
 Contemplo a sanha de teu riso insano,
 Só ouço victimas, cujo algoz — és tú ! ... »

Glorisedento
 Apostrophou !
 Seu pensamento
 No isolamento
 Desabafou.

A liberdade
 E' o sonho seu !
 A humanidade
 E' na verdade
 Um Prometheu !

E no rochedo
Si a vão pregar,
Tarde ou mais cedo,
Ha de, sem medo,
Se desligar !

A terra houve
Novo Moysés !
Dar-nos lhe aprouve
Sol que não ouve
Os Josués !

Na infinda senda
Não ha parar !
Judeu da lenda,
Não arma a tenda !
Marchar ! marchar !

Mas elle, a quem o sol da liberdade
 O berço illuminou de raios mil ;
 Amamentado ao leite da verdade
 Da doutrina christan, na santidade
 Dos direitos do povo no Brasil ;

Não pôde comprehendêr que um povo escravo
 Sofra indagora os tratos da polé !
 Nem que os martellos de tyranno ignavo
 Possam duros pregar um duro cravo
 Na roda d'Ixion, que o progresso é !

Vê nossa patria navegar no rumo,
 Que soberana imprime a opinião !
 Vê que o illustre monarca, mão no prumo,
 Lança as grandes ideias ao consumo,
 Quando as tem secundado a discussão !

Vê a sciencia progredir ao lado
 Das industrias, das artes liberaes !
 Vê que a riqueza tem multiplicado ;
 Mais activo o commercio e mais alado,
 E tudo a progredir, a mais e a mais !

Das estradas de ferro ouve o assobio,
 Do hymno do progresso agudo som !
 Electrico transmite a ideia o fio ;
 Ennovela-se o fumo fugidio
 Do vapor ! — tudo marcha ! e Deus é bom ! . . .

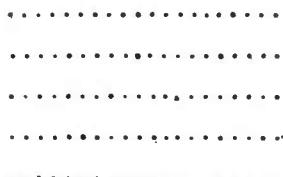
Liberdade o idyllo
 E do povo rei !
 Abrio bem o cilio,
 Traço de Popilio
 Só lhe impõe a lei !

**Muito embora queira
Despotismo atroz,
Na subtil carreira,
Offuscar a esteira
Que o sol deixa apôs ;**

**Impotente luta !
Que irrisão não é !
A razão refuta
A doutrina hirsuta
Dos autos-de-fé !**

**Si as nações aggride
Hydra horrivel, má ;
Surge um novo Alcide,
Que ao entrar na lide
Vencedor é já !**

O mundo caminha :
Brada Pelletan !
A opinião rainha
O povo encaminha
Para seu canaan !



A chamada ligeira clama a corneta estridula !
A frente de seus bravos o general está !
Já cavalga o ginete, que a terra escarva soffrego,
Relincha de insofrido, sacode as crinas ardego,
Ao fumo das batalhas de ha muito affeito já !

De Porto-Alegre a espada ameigam raios fulgidos
 Do sol que ha de doirar-lhe mais um gentil florão !
 Na face desnublada, espelho da alma intrepida,
 O anjo das victorias com a ponta da aza candida
 Roçou, nnncio da gloria do impavido barão ! (2)

« Avante ! — brada — avante ! » E como um fluido electrico
 A voz abala os animos, e arrasta os esquadrões !
 Rouqneja a artilharia, cruzam pelouros lnridos,
 Vôam metralhas duras, chovem granadas horridas !
 Em columnas contiguas avançam os batalhões !

Por entre o denso sumo brunida fulge a lamina
 Da espada flammejante que vibra mão viril !
 Rompendo os abatizes, ceifando hostes fanaticas,
 Que o chão mordem rangendo, uivando uns sons phreneticos !
 A hyena raiva, brama, e morre em seu covil !

No acceso da batalha, já seu cavallo indomito,
 Ferido de uma bala, correu, rinchou, cahio !
 As ondas se entrechocam, recuam, voltam gravidas
 De fogo e fumo e furia, e horror e morte rispida ! . . .
 Um *dies iræ* biblio tremendo ali se vio !

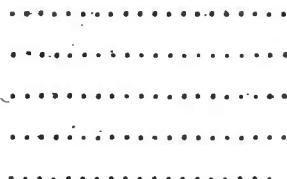
Avante ! — brada — avante !
 Vos chama a gloria ali ! »
 E a espada scintillante
 Aponta-lhes deante
 — Além — Curupaity !

Os brios se refazem,
 Mais accende-se a accão !
 Prodigio os bravos fazem !
 Parte já mortos jazem,
 Parte invenciveis são !

E as nuvens da metralha.
 A morte a arremessar !
 No campo se embaralha,
 Nas ancias da batalha,
 A onda militar !

13 Belligeras cohortes
 Não temem projectis !
 Bello o dia dos fortes ! . . .
 Em civicos transportes
 Avançam senhoris !

« Mais um pouco ! a victoria
 — Disse — além nos sorri !
 Não tarda muito a gloria ! . . .
 O resto — dil-o a historia ;
 O mais — Curupaity !



Até quando entre os povos do universo
Ha de vigorecer, guerra, teu jus
Quando, nas ondas do passado immerso,
A humanidade te haverá disperso,
Direito do mais forte ! . . . oh ! venha a luz !

Venha a luz, pela qual o vate hermanico
O grande Goëthe, inda a morrer clamou !
A luz que das nações no livro organico
Apague os traços d'esse jus satanico,
Que nem do Christo o sangue derogou !

Guerra ! a guerra ! — o direito de dar morte
 A multidões inteiras ! vil paixão !
 Que faz pender ao lado do mais forte
 Da justiça a balança, a bem da sorte,
 Juizo caprichoso, cego, vão !

É tempo ! é tempo ! — A humanidade clama
 Pelo sol de uma paz universal !
 Discutam as nações, solva-se a trama
 Dos direitos que cadaqual reclama,
 E gladio seja a pluma imparcial ! . . .

Quanto sangue nos têm custado os louros
 Ganhos do Prata nas regiões — ali !
 Quantos olhos de mãe merejam choros,
 N'esses dias de gloria immorredouros,
 N'um dia como vio Curupaity ! . . .

N'esse dia CAMERINO
Sente febre de esgrimir !
Avança louco, sem tino,
Como si a mão do destino
Viesse á gloria o impellir !

Lembra-lhe a patria insultada
Por esse infame villão !
Cora de ver aviltada
A viva côr, desbotada,
Do auriverde pavilhão !

Morde os labios de despeito
Vendo a imiga intrepidez !
Mais ardor cobra no pleito,
Avança audaz, escorreito,
Tendo a gloria por pavez !

Vem um pelouro perdido,
N'elle inclusa a morte vae !
Bate no peito aguerrido
Do moço que malferido,
Cambaleia . . . avança . . . cahe !

« Ou morre o homem na lida,
« Feliz, coberto de gloria . . . »
.....
.....
.....

.....
.....
Disse . . . E já morto, sem vida,
Nem ouvio por despedida
Os hymnos de uma victoria ! (3)

NOTAS DO AUCTOR

(1) Historico. Toda província de Sergipe conhece o facto a que alludimos.

(2) Hoje conde de Porto-Alegre.

(3) Camerino, quando marchou para o Paraguay, ia todo embebido da leitura do — *D. Jayme* — de Thomaz Ribeiro, poema que só por si vale uma reputação. Já d'aqui os versos do — *D. Jayme*, — que servem de epigrafe á esta poesia, eram o mestimavel motte do valente paizano; lá continuaram a sel-o constantemente: e por uma notável coincidencia, quando expirou, foram esses versos nervosos, que elle tanto repetira, suas ultimas palavras.

Abençoada a campa que tem um tal epitaphio !

José Roberto Barreiro

